

João David Vieira, 70 anos

Testemunhos

Capa: Andreia Hall



Justo
Otimista
Autêntico
Otimista

Caloroso
Afectuoso
Reconciliador
Leal
Ombro amigo
Sorridente

Dinâmico
Alfabetizador
Voluntarioso
Impecável
Democrático

Verdadeiro
Idealista
Entusiasta
Inigualável
Respeitador
Amigo

Beijinhos de sempre
Andreia



Professor David,

Nunca tive o privilégio de o ter tido como professor, apesar de desejar que o tivesse sido, desde do momento em que o vi pela 1.^a vez no Departamento de Matemática.

Desde aí e no início de cada ano lectivo, pensava: “Será que é este ano?!” ☺

Mas os 5 anos passaram... e, pensava eu, a possibilidade de o ouvir falar de Matemática também. Mas enganei-me! (e como eu gostei de estar errada! ☺)

Trabalhar no PMatE, mais propriamente na equipa da modelação, deu-me entre outras, essa oportunidade. Lembro-me da 1.^a vez que foi ao PmatE ter connosco para nos esclarecer algumas dúvidas ou quando ia ao seu gabinete com questões... ☺ E, em qualquer uma das situações, tinha sempre o prazer de contar com a sua boa disposição, amabilidade, simplicidade e com todo o seu profissionalismo.

Quero-lhe agradecer imenso por ter estado sempre disponível para transmitir o seu conhecimento e mais, por me despertar ainda mais interesse pela Matemática.

Lembro-me perfeitamente daqueles momentos, de tão fantásticos que eram! Ficava completamente fascinada! O Prof. David tem, para além de muitos outros, esse dom!

Era capaz de o ouvir durante horas e sempre com o mesmo entusiasmo.

Por tudo isto, é com muita pena minha que não poderei estar presente neste seu dia, mas não podia deixar de escrever algumas palavras ao **Grande Professor*** que é! E claro, parabenizá-lo pelos seus 70 aninhos e desejar-lhe muitas felicidades.

* "O professor medíocre conta.

O bom professor explica.

O professor superior demonstra.

O grande professor inspira."

(William Arthur Ward)

Beijinhos e muito obrigada,

Ana Neves



Ao Professor e cidadão, um abraço de profunda gratidão e amizade.

Alberto Teixeira

Ao grande cidadão e também um grande professor, o meu agradecimento por ter também ajudado a minha Mãe a ser uma boa professora de matemática.

Um abraço.

Miguel Teixeira



David,

Enfeitiças com as lições magistrais que propicias
Emocionas com a sabedoria de quem sabe ouvir e esclarecer
Delicias pela obstinação em ensinar quem parece não aprender
És Professor por vício e engenho
Como amigo, és uma realidade distribuída e exercida.

Ana Breda

Fomos afortunados em tê-lo como nosso professor. Estas simples palavras servem como reestruturação dessa grande dívida.

António Esteves

(aluno de Matemáticas Gerais em 1967/68 na ULM)

Entrei para o 1º ano de Engenharia Electrotécnica em 1967, na Universidade de Lourenço Marques. Como habitualmente as aulas começaram nos primeiros dias de Novembro. A disciplina principal era a de Matemáticas Gerais, regida pelo Prof. César de Freitas e com as aulas teórico-práticas asseguradas por assistentes, sendo todas as aulas leccionadas na Praça 7 de Março.

Como bom caloiro já estava na sala de aula à espera da primeira aula teórico-prática de Matemáticas Gerais, quando à hora certa entra seguro, um barbudo de voz firme e grave que se anunciou como nosso professor. Era o Dr. João David Vieira! Tinha o António Esteves ao meu lado, entre olhámo-nos e pensámos a mesma coisa! Temos professor a sério que se vai impor não deixando lugar para as baldas tão ao gosto dos caloiros! A esse respeito já os mais velhos diziam que o curso era para se ir tirando! E as Matemáticas Gerais nunca se faziam na primeira tentativa!

Mas com tão bom mestre fi-la logo na primeira época com gosto e boa nota! Em grande parte graças a ti João, pois contribuístes para os bons alicerces do curso que naquela universidade tirei! O João foi sempre um docente rigoroso, muito disciplinado, cumpridor e preocupado com a missão de ensinar. Sempre a horas e com as aulas muito bem preparadas!

Obrigado João por me teres ensinado Matemáticas Gerais e por me teres dado um excelente exemplo de como deve ser um professor universitário!

Na altura ao que lembro o João ainda estava na tropa, embora raramente tivesse dado aulas fardado. Era solteiro mas já andava bem acompanhado!

No ano lectivo seguinte deixei de ver o Dr. João Vieira e soube que tinha ido para Paris para se doutorar.

Os nossos caminhos de vida voltaram-se a cruzar depois a partir de 1973, primeiro em Moçambique e depois já em Portugal, não tanto pela vida profissional, mas mais pela amizade das nossas mulheres!

Assim com alguma regularidade vou tendo a felicidade de me encontrar com o João, cimentando a amizade que entretanto se estabeleceu entre nós, e proporcionando a oportunidade de apreciar a harmonia de uma vida familiar exemplar! Por esse exemplo de vida também Obrigado João!

Carlos Couto



O prof. João Carlos David Vieira faz 70 anos!

Conhecemo-nos em Coimbra, no início da década de 60, já lá vão 50 anos, quando éramos estudantes da então licenciatura em Ciências Matemáticas.

Só nos voltámos a encontrar em Aveiro, já depois do 25 de Abril. Ele esteve em Paris e em Loureço Marpes (hoje Espinho) e em na Guiné (hoje Guiné Bissau) e em Angola.

Foi assim: Quando regressei de Angola, em 1975, vim para Aveiro para a então chamada Secção de Matemática da Universidade. Éramos 3 ou 4 docentes.

Quanto soube que o João procurava uma
refresca de boqueirão, entrei em
contacto com ele e lá o convencei
a vir para a U.T. A partir daí, o seu
dinamismo, a sua competência, capacidade
de trabalho e sacrifício e a sua sempre
presente boa disposição passaram a ser
determinantes na evolução do Departamento
de Matemática. Conseguiu-se a colaboração
de alguns professores que deram a necessária
credibilidade ao que ali se foi fazendo.
Além das actividades internas, estendeu-se
a influência do Departamento em actividades
externas. No âmbito da SPOT, o João
liderou acções de formação de actualização
para os vários professores do ensino primário.
Com a sua batida, outras acções foram
levadas a bom porto.

Uma vez as nossas trajetórias se separaram pois fui para o ISCTA em meados dos anos 80. Os contactos tornaram-se mais raros, infelizmente.

Mas o João continuou. Fez o seu doutoramento, os seus concursos, seguiu a sua carreira. Indubitavelmente ele foi uma das colunas do Departamento de Matemática da U.A. Grande João!!!

Um abraço de parabéns e os votos de um futuro abençoado, para ti e para os teus, agora e a partir dos 70, do

Carimmo



No final dos anos 70, o ensino da Matemática no Ensino Primário viveu uns tempos de grande perturbação. O Ministério da Educação decidiu introduzir, nos programas do Ensino Primário, o estudo das operações aritméticas com base na Teoria dos Conjuntos.

Porém, esqueceu-se que era indispensável formar os professores pois, na sua maioria, só conheciam a palavra “conjunto” da linguagem corrente. Só quem viveu de perto a situação, avalia a que ponto ela foi dramática.

O Professor João Carlos David Vieira, imbuído do seu reconhecido espírito “missionário”, foi a pessoa que, rapidamente, se apercebeu da difícil situação em que a referida classe profissional estava envolvida.

Com a colaboração de mais três membros da Sociedade Portuguesa de Matemática: Maria da Conceição Seabra Sá, professora do Ensino Secundário, destacada na Escola do Magistério Primário de Aveiro, António Falcão Paredes, professor do Ensino Secundário, destacado na Universidade de Aveiro e António Aurélio Fernandes, professor do Ensino Secundário estabeleceu-se um programa e um plano de atividades.

Iniciaram-se os trabalhos começando por analisar os manuais adotados para alertar os professores dos graves erros contidos nos mesmos. Encontraram-se erros inimagináveis como, por exemplo: “Temos um conjunto de 3 cães e um conjunto de 6 ossos; qual o produto de 3 cães por 6 ossos?”

Depois, foram realizadas várias sessões em Aveiro, Ílhavo, Vale de Cambra, Castelo de Paiva, Mirandela, Viseu, Covilhã e outras mais, envolvendo centenas de participantes em que, no início, se inquiria o nível de conhecimento dos participantes.

As respostas obtidas espelhavam bem a que ponto era insensato pôr os professores a ensinar um tema que desconheciam em absoluto.

Tiveram que se limitar o número de inscrições, tantas eram as solicitações.

Na maioria dos locais, as sessões realizavam-se num único dia servindo, apenas, para que os professores se consciencializassem dos conceitos básicos da teoria. Assistimos a reações de pânico, tais como: “Só sei que não sei nada! E agora, o que vou ensinar amanhã aos meus alunos?”

Foi após toda esta dinâmica, impulsionada pelo Professor David Vieira que despoletou, no Ministério da Educação, a realização de futuras acções de formação, a nível nacional.

Conceição Sá e Aurélio Fernandes



Uma pequena nota em homenagem ao Professor João David Vieira, no seu septuagésimo aniversário.

Cheguei à Universidade de Aveiro em 83, era Presidente do Conselho Directivo da então Secção Autónoma de Matemática o Prof. Eduardo Marques de Sá. Foi nessa altura que conheci o Prof. João David Vieira e foi paixão à primeira vista (da minha parte é claro).

No primeiro encontro, recordo um sorriso aberto de boas vindas e o entusiasmo de quem está envolvido num grande projecto e quer envolver todos os que chegam nesse mesmo entusiasmo. Havia muitas horas de aulas para dar e poucos docentes (muito poucos doutorados), mas havia muito, mesmo muito empenho e vontade de trabalhar. Acima de tudo havia a força da convicção transmitida a quem chegava de que passávamos a fazer parte de um grupo com o objectivo e ambição de construir um departamento de matemática com qualidade científica e pedagógica de alto nível. Tratava-se de um projecto ambicioso que acabaria por nos absorver completamente. É bem sabido que o que vale a pena não se gosta à primeira vista, aprende-se a gostar, mas nem sempre é assim e dessa vez não foi o caso. O ambiente solidário, a vontade de vencer as dificuldades, o sentimento de partilha e principalmente o companheirismo, a amizade e a abertura de espírito, pouco comuns nessa época (em diferentes ambientes universitários), tornaram o desafio irresistível.

O Prof. João David Vieira foi uma das personalidades mais fortes e lutadoras da Secção Autónoma de Matemática primeiro e do Departamento de Matemática depois, nos diversos fóruns onde era necessário esgrimir argumentos e razões. A sua força, a sua vontade, a sua visão foram essenciais ao longo de todo este percurso que, principalmente nos primeiros anos, teve muitas contrariedades, mas também muitas pequenas e grandes vitórias, quase todas com a sua marca indelével. Com efeito, apesar da consciência inegavelmente presente nas autoridades académicas, nomeadamente nos sucessivos Reitores, da importância da nossa área científica para

a missão da Universidade de Aveiro e, conseqüentemente, da necessidade de um departamento de Matemática forte na UA, surgiram muitos obstáculos de natureza diversa que com o seu empenhamento foi possível ultrapassar.

A universidade, no sentido lato, mudou muito nos últimos anos e embora continue a ser um espaço de liberdade, questionamento e procura de respostas, foi alvo de transformações que do ponto de vista do seu funcionamento, atenção social e capacidade de intervenção lhe deram um grau de exigência a nível individual e colectivo que é necessário potenciar, mas também conciliar. A tendência excessivamente pragmática dos nossos dias conduz-nos a comportamentos mais voltados para a obtenção de resultados imediatos em prejuízo de projectos que exigem tempo e maturação. Para apostas como estas é necessário acreditar e seguir o exemplo de personalidades carismáticas, como é o caso do Prof. João David Vieira que escolheu como seu grande projecto profissional: a construção do Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro.

Não posso terminar esta pequena nota sem recordar e ao mesmo tempo homenagear o seu excepcional talento pedagógico que marcou muitas gerações de alunos que passaram pela Universidade de Aveiro e com ele aprenderam Matemática. A sua extraordinária capacidade de comunicação, aliada a uma formação científica sólida, bem como a sua sensibilidade e humanidade são valores que sempre o acompanharam e fizeram dele o Pedagogo de excelência que todos reconhecem.

Ao longo da vida existem pessoas, companheiros e amigos, que nos marcam para sempre pela força das suas ideias, coerência e rectidão. Para mim e tenho a certeza que para todos os nossos colegas e também para os que tiveram o privilégio de ser seus alunos, o Professor João David Vieira é inquestionavelmente um destes exemplos.

Aveiro, 30 de Abril de 2011

Domingos Moreira Cardoso



Eu gosto de Álgebra. Decididamente gosto de Álgebra. Gosto dos grupóides, dos grupos, dos anéis e, dos corpos nem se fala... pense-se na teoria de Galois.

Ainda gosto mais de Álgebra Linear. Tenho muito gosto pelas matrizes e tudo o que se relaciona com estes objectos matemáticos.

Mas, esta paixão não surgiu do nada. Um senhor de barbas brancas e, que não é o Pai Natal (sim, na altura já tinha barbas brancas) decidiu, como excelente professor que é, que eu deveria apaixonar-me pela sua paixão profissional. E conseguiu. Ele é um verdadeiro Professor.

Nos anos que se seguiram os seus ensinamentos serviram-me de referência e foram um exemplo a seguir. Ninguém consegue ensinar na perfeição se não estiver apaixonado por aquilo que ensina. O David Vieira foi e é, um homem apaixonado por tudo e AINDA BEM.

Enide



JOÃO "DABID BIEIRA"

Foi assim que ouvi, pela primeira vez, o nome deste HOMEM recém-chegado à minha tão querida terra: Moçambique.

O seu sotaque era o toque de marca do novo assistente da área das matemáticas.

Em pouco tempo fomos conhecendo o verdadeiro âmago deste ser de excelência. E lembrem-se que a minha faculdade era a de Veterinária, onde o João Vieira começou a ser conhecido pela sua verticalidade, humanidade, sentido de amizade e sã camaradagem, só pelo que dele ia "transpirando" da faculdade onde exercia seu mister.

Amigo de meu marido, vim depois a privar mais com o João. Não me desiludiu, antes me permitiu a vir a confirmar que é pena existir, hoje em dia, tão poucos seres humanos como este.

Obrigada João por tudo aquilo que nos deste como parte de formação de homens da minha geração, mas obrigada João pela amizade que permites que eu usufrua.

Um beijinho

Gigi (Maria Virgínia Fialho Alves Souto e Silva)



Ao primo João!

Parabéns pelos teus 70 anos, desejamos-te um dia muito feliz e com saúde rodeado de todos os amigos e familiares e temos pena de não estar contigo neste dia.

Obrigada pelo grande HOMEM que és, estudioso, educador, amigo, compreensivo, meigo e preocupado com os outros.

És o orgulho de toda a família e conquistaste a admiração de todos como um bom Marido, Pai , Avô, Amigo e primo..., também na vida profissional foste excepcional e admirável.

Tudo de bom para ti, um abraço do tamanho do mundo dos primos "canadianos",

GUIDA e JOCA



David

Não te lembrava, pois não?

Eu recordo-te. Coimbra, 22 de Novembro de 1968. Muito simpático, ensinou-me a fazer "se faz o gado" numa sessão a forma acrobática. Motivou a entrada da "demonstração". Bem deus e de mais ter também o registo fotográfico do acto precedente, esse que, como também quando a prova, me deu "tanta das coisas" com a tradicionalidade de por, porque os pontos de dito que não são mais bem.

Mal esperava eu vir encontrar-te um dia, depois de anos de ausência. O mesmo David, muito simpático, sempre bem vestido (apara adorno pelo aspecto dos homens), não abateu e de, sempre, exaltado e comovido, bem ou não, profano de exaltado, assim como outras demonstrações que não é de som, pois fazer de gado.

Exemplos entre os vários de por de demonstração. Como eu, ainda continuei a ser, ainda.

Mas grande abraço de felicitação pelos teus "toiros".

Orense, 5 de Março de 2011

João David Vieira



David,

Não te lembras, pois não?

Eu recordo-te: Coimbra, 22 de Novembro de 1961. Muito simpático, ensinas-me como “se faz o grelo” como manda a praxe académica. Utilizaste a estratégia da “demonstração”. Pena tenho eu de não ter também o registo fotográfico do acto precedente em que, como também manda a praxe, me deste “tareia nas unhas” com a tradicional colher de pau, porque as pontas do dito grelo não estavam bem.

Mal esperava eu vir encontrar-te na Universidade de Aveiro 20 anos depois. O mesmo David muito simpático, cabelo bem curtinho (agora adornado pelo encanto das brancas), riso aberto e voz sonora, excelente comunicador, bom amigo, professor de excelência ensinando outras demonstrações que não a do simples fazer do grelo.

Sempre activo, mesmo depois da aposentação. Como eu, aliás. Continua assim, David.

Um grande abraço de felicitações pelos teus 70 anos.

Isabel Alarcão



Tive o privilégio de ser aluna do Professor David Vieira desde o 1º ano do curso de Matemática (nessa altura ainda bacharelato) da UA. As aulas não eram nada monótonas, sabia captar a nossa atenção, era muito exigente, lançava-nos desafios e ... também nos surpreendia de vez em quando com mini-testes de avaliação!

Lembro-me particularmente de um episódio que ilustra o modo interventivo e educativo de estar na vida. Ainda eu era uma caloiira envergonhada, calada e muito ignorante relativamente à matemática, á sua História e seus matemáticos de vulto, e já estava o David a convidar-me - de uma forma a que não poderia dizer NÃO - para falar nessa mesma noite numa sessão sobre Bento de Jesus Caraça, a propósito do seu aniversário, no anfiteatro "dos galinheiros". Lembro-me de ir para casa muito aflita, para fazer o discurso baseado numa notas que ele gentilmente me deu e numa pesquisa feita á pressa, pois nunca tinha ouvido falar neste matemático português.

Também recordo com saudade as aulas onde tivemos o David e o Sousa Pinto, em simultâneo, como professores nas mesmas disciplinas. Os nossos colegas mais velhos, quando souberam do que nos esperaria no ano seguinte, trataram logo de nos amedrontar com "se um diz mata, o outro diz esfola!" Sobrevivemos e muito bem!

Posteriormente, já como colega no Departamento, testemunhei a alegria no trabalho, a amizade, o exemplo de generosidade e de estar sempre ao serviço, sobrecarregando-se com aulas, tarefas administrativas, etc .

Bem haja por tudo o que aprendi (e continuo a aprender) consigo.

Abraço

Isabel Pereira



E o João faz já 70 anos, quem diria!

Década de 60. Início. Moçambique, Lourenço Marques. Pensão Belchior. Uma pensão modesta e simples na então Avenida 24 de Junho, com o mesmo nome hoje, mas por causas diferentes.

Era manhã bem cedo quando desci, só, para o pequeno-almoço ou, como ainda aqui se diz, para o *mata-bicho*. Meus companheiros de quarto ainda dormiam e dormiriam por mais tempo. Na sala das refeições apenas uma pessoa ocupava uma mesa. Sentei-me em outra mesa, cumprimentei o solitário e fixamo-nos. Qualquer coisa nos dizia que estávamos ridículos daquele modo: um em cada canto. Aproximamo-nos e sentamo-nos à mesma mesa.

- Bom dia, como te chamas?
- João e tu?
- João. Que idade tens?
- Vinte e dois e tu?
- Vinte e um. E quando nasceste?
- A 30 de Abril.
- Eu também, a 30 de Abril. Cheguei há dias, pois venho para a nova Universidade de Lourenço Marques.
- Eu também cheguei há dias e venho igualmente para a nova Universidade de Lourenço Marques.
- Eu venho para a Faculdade de Medicina. Sou estudante, quero ser médico.
- Eu venho ligado ao ensino. Sou professor assistente de matemática.

E a conversa (mais ou menos esta) seguiu-se descontraída e fluente como se nos conhecêssemos há bastante tempo. A partir daí, mesmo quando nos separamos,

continuamos juntos como naquele dia que indubitavelmente nos aproximou. Interessante foi que, mais tarde, confirmaríamos que ambos éramos tímidos.

Falar do **João Carlos David Vieira** é falar de um Homem completo. Exigente! Muito exigente para consigo próprio, encara as pequenas e as grandes coisas da vida sempre com muita seriedade e profundidade. Tudo é, para o João David Vieira, demasiado sério e, portanto, tem que, permanentemente, estar espiritual e fisicamente preparado para tal. Esta é talvez uma razão porque leva uma vida bem à espartana; mas nele igualmente coabita o ateniense compreensivo e tolerante. Contudo, desconcertadamente, alia à sua alta capacidade de autodomínio, sacrifício e dureza, o sorriso espontâneo, sincero, franco e amigo que distribui a todos quantos buscam nele uma ajuda ou um entendimento.

A sua enorme e aparente ingenuidade deriva da sua gritante simplicidade e transparência. Dos amigos mais próximos recebia por isso, porém com muito respeito, a chalaça de “*pato*” com que o qualificavam. Contrariamente, na realidade, os mesmos amigos pretendiam sempre beber da sua experiência, da sua inesgotável energia, da sua robusta cultura e, principalmente, da sua desmesurada esperança e confiança. Por isso todos pretendiam estar com o **Vieira**, o **João Vieira**: ouvi-lo, observar a sua forma de estar simples, crítica, integra, responsável e completa. Por isso partilhar da sua companhia e amizade sempre foi um privilégio e um motivo de grande orgulho para todos. Bem hajas!

João Schwalbach

Maputo, 21 de Março de 2011





Cruzamentos de vidas paralelas (ou quase) ou, às vezes, nem por isso

Cruzámo-nos no Liceu Nacional de Aveiro em 1956.

O João, vindo das bandas da Murtosa, era já um cidadão – vivia em Aveiro e frequentava o Liceu desde sempre.

Eu era um bisonho aguedense que tinha andado num colégio manhoso e que agora vinha para Aveiro no comboio do Vale do Vouga para acabar o Liceu, regressando à parvónia de Águeda ao fim do dia.

Fomos colegas de ano e de turma durante os 6º e 7º anos da época.

Logo nessa altura fiquei a dever ao João um grande favor.

Era nosso professor de Moral o Padre Sardo, bondoso e tolerante homem (talvez um grande artolas?) que tinha vindo substituir o severo e rígido Padre Rebimbas, afastado do serviço por (ao que se dizia) “questões de moral”.

A turma tinha mais de 60 marmanjos que entravam na sala em vagas espaçadas por alguns minutos, sempre após o chefe de turma (o Alberto Matos) dizer ao Padre Sardo “agora é que já não falta ninguém”.

O Padre Sardo só dizia “não façam barulho” e tentava, em vão, falar sobre qualquer coisa relacionada com um qualquer tema do programa, se é que havia disso nesses tempos.

Perante o desinteresse quase geral da turma, o João e mais uma meia dúzia de colegas iam para junto da secretária do Padre Sardo discutir com ele coisas que para nós eram totalmente alheias – o devir do Homem, Teologia, Santo Agostinho, o diabo!. E, enquanto o João pensava, talvez, na imanência do ser, eu pensava no almoço, jogava à batalha naval com quem estivesse mais à mão, aproveitava para encasquetar à pressa alguns conhecimentos porque ia haver ponto ou chamadas nas aulas da tarde ou, simplesmente, lia o jornal.

E essa vidinha santa só foi possível porque havia quem se interessasse por coisas abstrusas que deixavam o Padre Sardo entretido e sem ligar nenhuma à gandulagem que estava na sala.

No ano de 1958 acabámos o Liceu e fomos ambos para Coimbra, para a mesma Faculdade de Ciências e residindo a uma escassa centena de metros um do outro: o João nas imediações da Igreja da Trindade e eu numa casa de malta na Rua José Falcão.

O João sempre foi um excelente aluno e, ao fim dos 4 anos regulamentares, terminou o seu curso de Matemática com elevada classificação e foi convidado para ser Assistente nas Matemáticas.

Durante esse tempo eu fui vadiando e vagueando de viola às costas pelas Biológicas tendo, ao fim desses 4 anos regulamentares, várias disciplinas em atraso (*cadeiras*, como então se dizia) entre as quais a de Matemáticas Gerais que era do 1º ano.

Foi então que, de novo, os nossos caminhos se cruzaram.

Procurando uma turma de aulas práticas de Matemáticas Gerais que tivesse um horário decente, fui calhar numa das turmas que o João leccionava.

Ainda lá fui umas duas ou três vezes mas nem o João conseguiu que eu me interessasse por aqueles SS todos esticadinhos a que chamavam (vá-se lá saber porquê) de *integrais* e pelos barrotes ao alto e ao través com umas carreirinhas de algarismos lá dentro a que chamavam *matrizes* (as que eu conhecia, além de outras, eram as rústicas e as urbanas) e que a mim me pareciam esquemas para armar uma garrafeira ou para guardar a lenha como via na casa dos meus avós.

Nessa altura estava eu muito mais interessado na Euterpe e em musas menos mitológicas pelo nunca mais lá botei os sacratíssimos deixando o João ocupado em ensinar essas espiritualidades a quem o merecia.

Mas, uns tempos depois e para marcar o paralelismo (embora com desfasamento) das nossas vidas, também fui Assistente nas Biológicas lá na Faculdade de Ciências.

Por esses tempos já o João tinha rumado para Lourenço Marques para fundar os Estudos Gerais Universitários de Moçambique.

Eu, para manter o paralelismo, ao fim de uns anos juntei-me a ele nessa Instituição.

Entretanto, casámos com duas amigas de infância (cada um com a sua e sem sabermos um do outro) naturais ou residentes em Moçambique.

E fomos estudar para Paris onde convivemos em 1971.

E voltámos a Lourenço Marques e por lá andámos até eu vir ajudar na criação da Universidade de Aveiro.

E, passado algum tempo, o João também se juntou a essa empreitada e por aqui andámos até à aposentação a tentar ensinar coisas que julgávamos interessantes a

sucessivas gerações de alunos que, na sua maioria, se estavam nas tintas para topologias e citologias e que apenas tinham como objectivo tirar um diploma.

Depois da aposentação os nossos caminhos cruzados e relativamente paralelos, divergiram irremediavelmente.

Enquanto eu continuei a trabalhar de modo *diletante* achando muito importante embrenhar-me em questões de hermenêutica algológica e noutras *boémias do espírito*, o João continuou seriamente a transmitir os seus avantajados conhecimentos a outras gentes destas e de outras paragens com reconhecido mérito e aproveitamento.

Que o Altíssimo o conserve e que as *Instituições* o aproveitem.

Jorge Rino



30 de Abril 2011

PARABÉNS JOÃO!

Lamentamos muito não estar fisicamente presentes, por motivos de saúde, nessa bonita reunião familiar mas partilha-la-emos em espírito.

Que festeges esta data por muitos anos, junto dos que mais te amam e tu mais amas: filhos, netos, irmãos e a tua doce filha.

Do teu "Curriculum Vitae" (que consultámos por curiosidade...) só constam laus, elogios, virtudes e mais virtudes. Caramba! Nem um "defeitiçozinho" para quebrar a monotonia e animar a malta! És realmente um tipo de não cheia, o "homo sapiens" da era moderna... PARABÉNS!

Virtudes são mais que mil.
És um tipo genial!
Proporho o 30 de Abril
p'ra feriado Nacional.

Um grande abraço
dos teus irmãos Coícho
e José Maria



João Vieira: Homem às Esquerdas

João Vieira e eu estivemos ligados, durante mais de uma década, à Universidade de Lourenço Marques/Universidade Eduardo Mondlane, donde saímos na segunda metade de 1977. Depois disso, colaborámos em muitas coisas, João em Aveiro, eu em Coimbra.

Conheci o João Vieira no ano lectivo de 1958-59, um ano depois de o seu irmão Zé Maria, o Graciano, eu e mais um rapaz ou dois nos termos matriculado, em Coimbra, na Licenciatura em Ciências Matemáticas, onde éramos bisonhamente minoritários no meio de algumas dezoito raparigas.

Habituei-me logo ao seu vozeirão, pois já lidava com o Zé Maria há um ano.

Eu, anticlerical, frequentava o C.A.D.C., Centro Académico de Democracia Cristã, aonde acompanhava os Vieiras. Aí começou o meu interesse teórico pelo fenómeno religioso. Tenho que tentar explicar.

Os Vieiras eram católicos praticantes, no sentido que eu conhecia — missa, comunhão...

Mas o João levantou-me um problema — era militante cristão: colaborava na obra assistencial do C.A.D.C, no seu plano Sócio-Caritativo, nomeadamente, no lactário e nas conferências vicentinas; acreditava, naturalmente, na virgindade de Maria;....mas....já!, tinha dúvidas que colocava aos padres que “por lá andavam” e, na conturbada crise académica de 1960-62, acrescentava problemas à Direcção do C.A.D.C. Contradições que a fé de João ia superando, pedras metafísicas em que eu,

rural, ia tropeçando no meu caminho para me tornar intelectual urbano. Quanto à religião, fico, por agora por aqui.

Falar de João Vieira é falar de Lhaneza. Aqui coloco tudo. Seriedade, sinceridade, abertura, firmeza, entrega, tenacidade, coragem, robustez, resistência.

Falar de João Vieira é falar de Pedagogia. Aqui coloco tudo. Os textos para alunos; as aulas bem preparadas, empenhadas, vozeadas; a exigência — articulada, esclarecida, suada — para com os estudantes; a pressão sobre os responsáveis pelas instituições, incluindo os Reitores; o trabalho de alfabetização, não mero acto técnico, mas também empenho — ideológico e declarado — no despertar em cada um de uma individualidade livre e de uma consciência cívica; a seriedade organizativa que as suas mãos calejadas, em sentido literal e não figurado, impunham nos fins-de-semana na “Machamba da Universidade”, após a chegada da Frelimo; o rigor que exigia nas “Sessões de Esclarecimento” e nas “Sessões de Estudo Político” que decorriam nas instalações do Departamento de Matemática da Universidade moçambicana, no período da utopia frelimista.

Falar de João Vieira é falar de Fé e Revolução. Aqui coloco tudo. A sua maneira de encarar a família e intervir no mundo; a sua inquietação perante factos e atitudes que causam vergonha e espanto; a sua gargalhada triste — passe o oxímoro — perante os pequenos oportunismos e carreirismos.

Aqui, entre César e Deus, vou acautelar-me. Transmito, qual representante diplomático, o que diz o dominicano Jean Cardonnel — “Le système de marché s’est chargé d’individualiser la foi. Il la même convertie en propriété privée.[...]Deux montagnes barrent notre horizon: l’insuffisance révolutionnaire des révolutions, l’enlissement religieux de la foi.[....]. Plus lapidairement, la révolution privée du mordant de la foi est aussi peu terrible pour le front d’inhumanité que la foi calfeutrée dans les hauteurs qui ne s’incarne pas en révolution”. [in C. Delacampagne & R. Maggiori, *Philosopher*, Fayard, Paris, 1980]

Falar de João Vieira é falar de Justiça. Aqui peço que se coloque tudo. Sem pruridos de hermenêutica religiosa, mas com respeito pelos textos, ponho unicamente o seguinte fragmento da parábola do sementeiro, em Mateus 13,1 — “Pois ao que tem, será dado, e dado abundantemente; ao passo que ao que não tem, até o que tem lhe

será tirado”.[Bíblia Sagrada, Edições Paulistas, Lisboa, 1978]. Aqui, crentes ou não, todos nos sentimos interpelados.

A amizade terá quiçá enviesado este texto. Limitei-me a cartografar alguns pontos que indiciam a dedada da qualidade.

Porém, João: cada um será tentado a encontrar na tua frente alguma partícula adversativa.

Debruça-te sobre a água — a tua cara está limpa.

José Vitória



Pai,

Como poderás imaginar, estas palavras que agora leio (para ti) foram das mais difíceis que alguma vez tive de escrever...

Que poderia, que posso eu dizer do Homem que mais admiro e que privilegiada e orgulhosamente chamo de PAI...

Entre uma tempestade de pensamentos... Entre ventanias de emoções, as palavras saem lentamente, numa brisa suave que acaricia esta vida que me deste...

Uma criança olha para mim com os olhos puros de quem tem todo um futuro, uma vida perante si... E recuo a momentos passados, presentes em mim...

Momentos aqueles em que me ensinaste as palavras para que soubesse falar...

Aqueles em que me ensinaste os números para que soubesse contar...

Momentos aqueles em que me ensinaste o caminho do saber pensar...

Aqueles em que me ensinaste o respeito pela diferença e o respeito pelo outro...

Aqueles momentos em que me ensinaste a falar igualdade, divisão e partilha...

Momentos aqueles que a brincar me ensinavas a crescer...

Até mesmo nos momentos em que ausentes estavas, acabavas por me ensinar a determinação, o empenho, a paixão a ter naquilo que quando fosse grande quisesse e pudesse ser...

E todos aqueles momentos em que me subtraíste a dor... naqueles em que contigo dividi tristezas... Em todos os momentos em que adicionaste alegrias... e todos aqueles em que multiplicaste a felicidade...

E principalmente, Pai, todos aqueles momentos em que para nós os quatro olhavas e ensinavas-me o que eram, para além da força e o poder que têm, o carinho, a família e o amor...

E nem todos estes momentos juntos, conseguem transmitir o que me deste, o que nos deste... E o que todos os dias nos dás...

que mais posso eu dizer ao Homem que mais admiro e que privilegiada e orgulhosamente chamo de PAI?

Obrigada...

De mim para ti... Com Amor...

Lara

(Lara Sardinha)

19 Abr 2011



Pediram-me umas linhas sobre o David como forma de o homenagear pelo seu 70º aniversário... embora se torne difícil escolher o que dizer sobre alguém que ocupa um lugar especial na nossa vida, tantos foram os momentos vividos em conjunto ao longo de mais de 30 anos... aqui estão elas: faço parte do grupo das “vítimas” topológicas do David....Isto nos tempos idos dos anos setenta do século passado... recém-chegado de Moçambique, vinha cheio de ideias e influências (más?) dos seus ídolos francófonos!!! e, embora estivesse no seu segundo ano de UA, a fama já o precedia e perseguia...

Brindava-nos com sondagens (mini testes sem aviso prévio...) em finas folhas coloridas de 2ªs vias para que assim tivéssemos aquela doce sensação de que o mundo era cor-de-rosa, verde água, azul celeste ... e não adiantava reclamar... a avaliação era contínua... e era-o de facto!!! Cheguei a despertar a meio da noite e ir acordar a Gina (que nessa altura vivia em minha casa) para estudarmos pois sonhara que iríamos ter sondagem na manhã seguinte... nem dormíamos por causa das vizinhanças e dos abertos e da topologia discreta....que pela forma como persegue os estudantes, de discrição tem pouco!!! As aulas eram divertidas e voavam, trabalhava-se e muito, mas também se podia contar uma piada...

Com o David aprendi que ensinar era um processo democrático... só que era uma democracia peculiar, como ele próprio dizia, tratava-se de uma democracia dirigida (por ele!!!).

No ano seguinte, o David foi meu professor das teóricas de Análise III (o Sousa Pinto dava as práticas..., que dupla!). Escrevia quadros e quadros que nós, atentamente, copiávamos ... Aí fomos apresentados aos famosos “batatóides” - que era a forma carinhosa como baptizámos os desenhos que ele se esforçava por fazer no quadro. Foi, então, que ele se ofereceu para nos fornecer as folhas que escrevia para as aulas, só nos restava fotocopiá-las...mas, tratava-se de um presente envenenado... Com a sua caligrafia bem desenhada e pequenina, ele ocupava uma página com

apenas uma frase!!! Como as fotocópias eram muito caras, restou-nos criar um sistema para copiar manualmente os apontamentos. O David sempre foi promotor da autonomia e da capacidade de resolver problemas dos alunos ... O maior problema era conseguir um “mísero” 15, para isso era preciso sujeitarmo-nos a uma oral de pelo menos 3 horas... era um acto consciente de tortura, a Amnistia Internacional nunca foi informada de tal facto....senão....

No segundo semestre desse mesmo ano o David foi nosso professor de Métodos Matemáticos I e, nessa altura íamos no terceiro cadeirão de convivência, já éramos íntimos.... Mas, a democracia dirigida continuava a ser o regime em vigor: ele a mandar e nós a obedecer! Foi então que ocorreu um dos episódios que todos recordamos com especial carinho. Só um professor com a fibra do David entenderia o que se passou na sua plenitude! Passo a relatar, espero que a memória não me atraíçoe, mas se o fizer será em detalhes menos importantes....era um dia de primavera, quase verão, ...14h... e tínhamos aula numa das salas dos “galinheiros”... o calor apertava e a vontade de ter aula era muito pouca, a relva convidava-nos para nela nos estirmos ... como conseguirmos não ter aula?! Tratava-se de uma questão impossível, era a última aula do semestre e o David disse-nos, em tom de convencimento, que do sumário constava apenas o teorema do ponto fixo e respectiva demonstração... e que, depois dessa matéria dada, a aula terminaria, pois ele tinha uma reunião a que não podia chegar atrasado...

O David tinha o hábito (que a partir daí perdeu...) de tirar o relógio do pulso e de o colocar na sua mesa que ficava encostada aos nossos lugares (meu, da Gina e do Jorge Guerra) e com a finalidade de controlar o tempo de aula olhava regularmente para o relógio ... Foi então que nos ocorreu que já que tínhamos que ter a aula, ela deveria ser mais curta....e como? Muito simplesmente iríamos adiantar o relógio, mas de forma lenta, para ele não se aperceber...e assim fizemos, quando ele se virava para o quadro, nós, ou melhor eu adiantava uns minutitos ao dito... mas, pelo sim pelo não, ia perguntando se o trato se mantinha, se a aula acabava mesmo quando ele terminasse a prova do teorema, e isto tudo entre algumas risadas em surdina que intrigavam o nosso querido professor que, acelerando para poder terminar a sua tarefa, ia dizendo que sim. De facto foi o que aconteceu... a prova do teorema acabou e a aula também...e a revelação do porquê de tanta agitação foi feita...afinal, ainda faltava bastante tempo para a tal reunião... O David entendeu perfeitamente a brincadeira e essa aula ficou registada na memória de todos para sempre...

Anos mais tarde, o David como coordenador do mestrado que eu frequentei continuou a exercer o seu princípio da democracia dirigida ... ao “obrigar-me” a fazer um leque de disciplinas que ele achava que eu devia ter e não aquelas que eu queria... mas eu perdoei-lhe a acção pela intenção!...até porque o David ao longo do nosso convívio mudou de estatuto, deixando de ser apenas um professor, para passar a ser O professor...

Liliana Costa

Ao amigo João David Vieira:

professor ímpar, exemplo de vida e de integridade intelectual

No seu septuagésimo aniversário

por Luís Filipe Pinheiro de Castro



Tive o privilégio de conhecer o Prof. João Carlos David Vieira somente nos finais de 1986, aquando da minha entrada, como aluno, na Universidade de Aveiro. Os primeiros contactos foram desde logo marcantes pelas convicções, determinação e envolvimento demonstrados por parte do Prof. David Vieira para com os alunos dessa época. Convém situar que por essa altura o agora *Departamento de Matemática* da Universidade de Aveiro tinha um quadro de pessoal bem mais reduzido. Designadamente, contavam-se pelos dedos das mãos os docentes doutorados. O próprio Prof. David Vieira encontrava-se em 1986 a realizar o seu doutoramento sob a supervisão do Prof. Marques de Sá. Para aqueles que conhecem esse período, são facilmente identificáveis as dificuldades consequentes da então excessiva carga horária de docência (com valores incomparavelmente superiores aos do passado recente) e as imensas responsabilidades administrativas e de desenvolvimento do departamento que estavam nas mãos de um pequeno número de docentes – entre os quais, com papel determinante e de ampla visão – se evidenciou com consequências bem positivas para a Universidade de Aveiro o Prof. David Vieira.

Por essa altura os doutoramentos em Matemática eram acontecimentos muito raros. Foi, aliás, em 1987, que tive o privilégio de assistir pela primeira vez a uma defesa pública de doutoramento em Matemática no anfiteatro do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. O tema tinha a ver com a prescrição parcial de

factores invariantes e, apesar da sua complexidade, foi realmente com prazer que um significativo número de alunos do Prof. David Vieira assistiu à defesa das suas provas de doutoramento.

Para além das qualidades humanas e éticas do Prof. David Vieira – as quais, estou certo, influenciaram e serviram de exemplo para muitos dos seus ex-alunos – há indubitavelmente uma qualidade muito fácil de identificar no passado académico do Prof. David Vieira: a sua paixão pelo ensino e pela comunicação científica.

O Prof. David Vieira tem o dom de ser um professor extraordinariamente cativante nas suas aulas. É comum identificarmos "bons professores" nas universidades, pensando naqueles que possuem uma boa cultura académica e que transmitem ou perspectivam com segurança e determinação os respectivos conteúdos. Há, no entanto, algo mais, porventura de natureza imponderável, que o caracteriza. Efectivamente, os professores cativantes e apaixonados pela docência ultrapassam largamente a meta da proficiência académica. Eles procuram aliar a sua personalidade ao funcionamento mental de cada aluno para produzir uma melhor e mais vinculada transmissão de conhecimentos. São Mestres. Pessoas que aliam conhecimento e saber, intuição e empatia. Pessoas que integraram um vastíssimo conteúdo humano e humanista.

Tais características perpassam, naturalmente, para fora do espaço restrito da aula. Mesmo na leccionação dos conteúdos mais difíceis, o Prof. David Vieira nunca descurou nem o sentido de humor nem o espírito positivo, procurando minorar os mais pessimistas e derrotistas pensamentos de alguns dos seus alunos. Persistente e incansável, o Professor nunca esmoreceu nas suas metas de docência, por mais árduas que estas se apresentassem.

Tive o privilégio de vivenciar, na primeira pessoa, estas influências do Prof. David Vieira, em diferentes contextos educativos. Na realidade, fui seu aluno na disciplina de "Álgebra", no "Seminário de 5º ano" e também no "Estágio de Prática Pedagógica", ocorrido na Escola Secundária N.º1 de Aveiro. O Prof. David Vieira impelia os seus alunos a terem consciência de si. Ensinava a serem pensadores e não meros

repetidores de conteúdos. Na realidade, um dos méritos da educação consiste na arte de ensinar a pensar. Esta vertente foi particularmente visível no "Seminário de 5º ano", onde era prática frequente ficarem vários alunos, uma ou duas horas adicionais, para além do que constava no horário oficial. Havia necessariamente que pensar *per si*, construtivamente e *in loco*, quer se tratassem de problemas em aberto ou deduções mais ou menos expectáveis de resultados ou teorias conhecidas. Assim se partilhavam e discutiam, posteriormente, as formalizações realizadas. As primeiras semanas de tais seminários eram duras, mas, após uma habituação inicial, todos os alunos entravam no espírito e ninguém olhava para pormenores de horário lectivo!

Quanto à disciplina de Álgebra, por aquela época, era o que se qualificava de "um cadeirão": uma disciplina anual, com um extenso conteúdo, com o Prof. David Vieira nas teóricas e a saudosa Prof. Virgínia Santos nas aulas práticas. Em linguagem popular, o que se passava a nível de exigência nesta disciplina tinha muito que ver com o ditado "Se um diz mata, o outro diz esfola". A situação era tal que os poucos alunos que obtinham aproveitamento nos exames desta disciplina de segundo ano, eram idolatrados pelos alunos do primeiro ano. O extraordinário era que tal situação não beliscava minimamente a reputação de excelente professor que David Vieira amplamente gozava.

Em relação ao estágio pedagógico, foi um ano singular pela descoberta da prática educativa com responsabilidades objectivadas desde início, mas, ao mesmo tempo, com uma satisfação plena pelo acompanhamento superiormente visionado pelo Prof. David Vieira. A situação nesse ano de estágio pedagógico (1990/91) foi particularmente incomum, em variados aspectos: houve um único grupo de estágio, constituído por quatro alunos. Assim sendo, tivemos o privilégio de escolher a escola onde gostaríamos de realizar o estágio (já que a oferta em termos de escolas era vasta). Escolhemos a Escola Secundária Nº1 de Aveiro, não sabendo *à priori* que o Prof. David Vieira vivia na altura do outro lado da rua! A situação era realmente deveras particular: David Vieira, ao acordar em cada manhã, decidia se naquele dia iria passar pela escola secundária antes de ir à universidade ou não. Foi portanto fácil descobrir os horários matinais do Prof. David Vieira naquela época... Significativo para

mim é também recordar claramente que as aulas assistidas que melhor resultaram foram precisamente aquelas em que não estávamos à espera de ter companhia na sala de aula!

Muito se poderia dizer sobre outras características do Prof. David Vieira e, em particular, sobre o seu inestimável contributo para o que hoje é o Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro. Optei por não vincar aqui esta vertente mais institucional, ficando-me por aquilo que, nesta data muito especial, penso ser ainda mais valorativo – e que está bem presente naqueles que tiveram o privilégio de serem seus alunos e/ou colegas:

David Vieira é reconhecidamente um homem de convicções profundas, sempre muito bem disposto e positivista, trabalhador incansável, *bourbakiano* e professor de excelência ímpar.

Por tudo aquilo que nos ensinou e pela influência que teve em nós, estando certo que falo em nome de muitos, o nosso eterno Muito Obrigado!



O Professor David Vieira, como é tratado no meio académico, é meu conhecido e amigo há mais de sessenta anos, desde o tempo em que, nascendo na mesma terra, na Murtosa, as nossas casas distavam menos de cem metros uma da outra.

Estudámos na mesma escola, no Ribeiro, e íamos juntos para as aulas com o meu irmão, os irmãos do David Vieira e outra rapaziada que se juntava a nós.

Saíamos de nossas casas de cara lavada, bem penteadinhos e arranjados, mas pelo caminho não faltava a bola de trapos (uma meia grande, daquelas que as mulheres dos pescadores usavam até ao joelho), cheia com bocados de pano e atada com um fio.

O caminho não era asfaltado, como hoje, mas sim de terra batida com imensos buracos, pedras e pó, sempre pó, muito pó!...

Imagine-se a cena, agora, ao entrar na sala de aula e principalmente depois das aulas, ao chegar a casa.

E os anos assim foram passando até se completar a quarta classe.

Terminada a escola primária, e como na Murtosa não havia - à época - liceu, viemos viver para Aveiro para continuarmos a estudar. E o que é curioso, é que ficámos todos na mesma casa.

Nascemos numa terra de gente muito católica e conservadora e profundamente católicos eram também os pais do David Vieira e família.

Aos Domingos ninguém faltava à missa e à noite, depois do jantar, rezavam-se o terço e as ladaínhas... intermináveis ladaínhas.

A maneira de ser e de agir do David Vieira, as suas qualidades de homem inteligente, metódico, disciplinado, estudioso e trabalhador, humilde, exigente para os outros, mas também para si, faz com que colegas, alunos, amigos, e acima de tudo e de todos, a sua família o admirem, o respeitem e o estimem.

Como bons amigos que fomos e somos, deu-me a honra de ser padrinho do meu primeiro filho.

A fonte de onde o David Vieira e os irmãos beberam o saber foi no exemplo e na maneira de ser e de estar na vida de seus pais.

Conheci-os bem, com eles privei de perto durante alguns anos, e honro a sua memória pelo que legaram de virtudes a seus filhos.

Dos nossos tempos de liceu recordo um episódio dos muitos que houve, que se passou numa aula de Português.

O David Vieira, o meu irmão e eu fomos colegas de turma do segundo ao quinto ano.

A professora de Português era a Doutora Virgínia, mais tarde professora na Universidade de Aveiro.

A Doutora Virgínia sabia que os Vieiras e os Maias viviam na mesma casa havia já alguns anos; eu era o mais velho, depois o meu irmão e por fim o David Vieira.

Para mim que fui seu aluno direi que era uma professora competentíssima, muito exigente, muito dinâmica, mas um pouco extrovertida.

Então, numa aula resolveu fazer mais uma daquelas perguntas a que ninguém sabia responder.

E, como já ia sendo hábito, começou por nós os três.

Sendo eu o mais velho perguntou:

- Diga lá o Maia 1...

- Não sei Senhor Doutora.

- Ah, eu logo vi!... Logo vi!...

Apontando para o meu irmão repetiu a pergunta.

- Diga lá o Maia 2...

- Não sei Senhor Doutora.

- Ah ah! Já calculava!...

- Diga lá o Maia 3 – perguntou apontando para o David Vieira.

- Não sei Senhora Doutora.

E então com uma risada um tanto ou quanto enigmática e numa das suas tiradas tão características levantou os dois braços em arco de quase 180º graus e gritou bem alto:

- Eu já sabia... eu já adivinhava... pois claro!...o **“Circo Maia”** hoje não trabalha!!!

Foi uma risada geral, imagine-se!

Mas o riso depressa acabou quando fez a mesma pergunta à turma e ninguém soube também responder.

Este episódio e outros que faziam parte da nossa vida de estudantes e do nosso convívio, são imagens que perduram vida fora.

Fico feliz pela homenagem que te prestam, meu caro João Vieira, sendo pequeno o contributo quando comparado com a amizade que recebo.

Luís Maia



O Prof. David Vieira é um dos professores do Departamento de Matemática que eu conheci durante a Licenciatura na UA que guardo na memória como um professor notável. É boa pessoa, é bom matemático e é sem dúvida um dos melhores professores de Matemática que eu já conheci. Há muito a dizer, mas fico por aqui... Muitos parabéns pelas 70 primaveras que agora completa.

1 abraço de amizade

Luís Pedro Parracho

(Ex-aluno do Dep.Mat. da UA)



RÁBULA MAL DISFARÇADA PARA O JOÃO DAVID VIEIRA

O João não me ensinou a tabuada, não me ensinou a fazer as contas de dividir (se me tem ensinado, talvez eu fosse agora Secretário de Estado das Finanças ou mesmo Ministro, por que não?), não me ensinou a extrair raízes quadradas, não me ensinou a resolver equações (nem do 1º nem do 2º grau), não me ensinou cálculo diferencial nem integral, não me ensinou cálculo serial, não me ensinou nada de matemática, nem sequer a resolver os problemas das torneiras. Dir-se-ia, portanto, que não lhe devo nada.

E, no entanto, que grande injustiça eu não estaria cometendo. Ao contrário do que pensam alguns matemáticos, nem tudo na vida se resolve com matemática.

Não posso, neste momento, deixar de recordar as conversas que tínhamos no gabinete que o João partilhava com o saudoso Sousa Pinto, conversas de amigos que sempre se estimaram e que sabiam que para lá das diferenças com que encarávamos o mundo, o que nós queríamos mesmo era um mundo melhor, mais humano e mais justo.

Não era, pois de estranhar, que para lá da matemática ou da geologia, nós nos interessássemos pela cultura, pela arte, por tudo quanto fosse conhecimento e sobre isso trocássemos opiniões. O Sousa Pinto gostava de música, o João preferia as artes plásticas, quanto mais não fosse porque tinha lá em casa a Milu Sardinha que o chamava à ordem se assim não fosse. Mas não era preciso. O João foi sempre um espírito aberto, capaz de compatibilizar as *séries de Fourier* com a *Nona sinfonia* de Beethoven e *As Meninas de Avignon* de Picasso. E como se isso não bastasse, ainda se interessava pelos problemas do ensino da matemática levando-o a percorrer não apenas as escolas de norte a sul do país como também as de países estrangeiros de língua portuguesa.

Temos de concordar que é preciso ter muita fé para apostar nesse cavalo, de resto, problema candente capaz de levar à queda de governos, sejam eles os mais legítimos. Pois, o João esteve sempre nessa luta e eu a vê-lo cá de longe, e a congeminar comigo mesmo: será que ele vai obrigar todo o mundo a fazer cursos de reciclagem em matemática? Se ele leva essa avante não escapo. Lá vou ter que rever aquele desgraçado de teorema de Rouché, um outro com que o Professor Esparteiro esmagava os alunos como quem esmaga moscas e que se chamava de Bolzano-Weierstrass (estará bem escrito?) e um tal de Cauchy. Aos anos que isto lá vai! Como é que eu ainda me lembro destes nomes? Foi, claramente, uma lavagem ao cérebro que me fizeram.

E não duvido: foi este o trabalho que o João David Vieira andou a fazer estes anos todos, primeiro junto dos alunos e depois junto dos professores do ensino secundário, seus antigos alunos. O que vale é que a rapaziada não é vingativa senão um dia destes ainda nos aparecia o João com a cabeça partida por um integral eventualmente mais duro.

Entrou para a Universidade de Aveiro, juntamente com o Sousa Pinto em 1977, dois anos após a minha própria entrada.

Pelo caminho fez três filhos, a Tânia, a Lara (deve ter sido influência do *Dr. Jivago*) e o Hugo.

E fez, sobretudo, muitos e muitos amigos já que o seu bom feitio, a sua generosidade, a sua disponibilidade para com os outros, qualidades cada vez mais raras, são dignas de serem sublinhadas, o que aqui faço com grande satisfação. Fui alvo das suas atenções, não raras vezes, atenções a que sempre esteve associada a Milu (seria grave injustiça não o referenciar).

Ainda não há muito tempo fomos em vilegiatura à Lousã ver o Museu de um grande amigo comum, o Manuel Louzã Henriques, na companhia de outros amigos entre os quais destaco o Zé Vitória. Todos na casa dos setenta mas a respirar saúde por todos os poros (ou a gente assim pensa!).

É bom, João, chegarmos a esta idade (esta já ninguém nos tira!) e podermos olhar para trás e acharmos que, se nem tudo correu à medida dos nossos anseios, houve momentos muito bonitos que nos permitem dizer que valeu a pena viver a vida que vivemos.

A tua vida tem sido um bom exemplo para todos, para os mais velhos e para os mais novos. Agora que os netos estão aí, não te esqueças de lhes ensinar a tabuada e de

lhes proibir o uso da máquina de calcular. É bom que eles tenham a noção de que para serem livres, algumas coisas têm de ser proibidas.

Oxalá, vivas mais outros setenta e eu a dar-te os parabéns e também, quanto mais não seja, para chatear os gajos da Segurança Social.

Com o abraço de sempre do Luís Serrano.



Parabéns João pelas 70 primaveras e que grande coincidência "foste meu padrinho no dia dos teus 35 anos como podes ver as fotos que foram tiradas a 30 de Abril de 1976" já lá vão 35 aninhos.... (metade dos 70)

Daqui do Canadá, embora tantos anos separados pela distância continuamos a recordar-te com muito carinho e desejamos-te um feliz aniversário com muita saúde e boa disposição.

Luz e Jorge



Uma pequena história para um grande Amigo

No ano académico de 1973/74 tive o privilégio de partilhar gabinete com João David Vieira, no Departamento de Matemática da Universidade de Lourenço Marques. Uma oportunidade de ver o João em acção! Quem o conhece sabe que isso não é pouco...

Vamos à história:

O João mostra o ponto a uma aluna e pergunta-lhe se não tem vergonha de continuar a chumbar ano após ano. A resposta veio arrogante, dizendo que continuaria a chumbar enquanto os pais lhe pagassem os estudos.

Seguiu-se uma explicação, como deve ser, de quanto ela estava a desbaratar oportunidades que pertenciam a todos e eram pagas por todos, com uma pequena contribuição dos pais.

E a arrogância derreteu-se num choro convulsivo. Levantei os olhos dos meus papéis para ver a aluna, desfeita em lágrimas, a dizer que nunca tinha pensado nisso, como é que nunca tinha pensado nisso?!

Regressados a Portugal, o João na Universidade de Aveiro e eu na de Coimbra, perguntei-lhe, a dada altura, se ainda punha as alunas a chorar. A resposta veio de imediato: "agora é pior, desmaiam!"

Meu querido Amigo, pôr as pessoas a pensar é uma incumbência tua, de sempre, e uma mais valia para todos nós.

Feliz aniversário!

Manuela Sobral



Percorro 30 anos de memória e o David sempre presente: um colega que sabe acolher e integrar, que irradia dedicação com entusiasmo, que mostra como a determinação se pode conjugar com a integridade e o humanismo. Um Professor de alunos e de colegas, que sempre promoveu a Matemática e o seu ensino. Um pilar sólido na construção e na consolidação do Departamento de Matemática e da Universidade de Aveiro.

Há exemplos de vida que nos marcam e que perduram - para mim, o David é um deles. Obrigada, David.

Manuela Souto

Maria do Céu Sardinha



Já lá vão quase 47 anos que te conheci, ainda me lembro, em Lisboa, num café chamado “Gôndola”, no Campo Grande, perto do Lar das Teresianas, onde vivi com a minha irmã, Milú, quando estávamos ambas a estudar.

O tempo passa, a vida acontece e eis senão que começaste a namorar a minha irmã, e, “namorando” sempre, como até hoje. É por isso que é difícil definir alguém como amigo e cunhado e encontrar a expressão que descreva tudo o que estas palavrinhas significam.

Quando se inicia uma caminhada chamada VIDA, nunca sabemos o que vamos viver e quanto precisamos uns dos outros. A memória do tempo e a distância estão presentes, e muitas imagens dos momentos do passado e do presente permanecem. Há recordações de muitos momentos felizes na tua companhia, que permanecem vivos em mim, aliás em nós, marcando os nossos corações para toda a vida.

Sei também o quanto deste sentido à nossa vida, pela tua maneira simples e carinhosa de ser. E é por isto, meu cunhado, que a tua presença através da tua ajuda e carinho a que sempre nos habituaste nos marcam.

Neste dia do teu aniversário em que todos os teus amigos estão contigo e outros que não podem estar por algum motivo, poderás ver como és um Verdadeiro Amigo, Bom Pai, Avô e essencialmente Bom marido. És aquele cunhado em que eu faço questão de guardar no coração.

E, para terminar, desejo que continues a estar presente em nossas vidas e, ...continua sempre como até agora, cuidando bem da minha irmã!!!!

Que Deus te dê saúde para que possamos deliciarmo-nos com o teu sorriso e a tua companhia,

Maria do Céu

Maria Helena Nazaré (entrevistada no dia 09/03/2011)

Algumas das afirmações proferidas pela Professora Helena Nazaré sobre o Professor David Vieira:

Associo o João à qualidade do Departamento de Matemática e ao que se conseguiu fazer do Departamento.

O João é a pessoa dos consensos. Enquanto Reitora liguei algumas vezes ao João a pedir conselhos.

Numa faceta mais pessoal, tendo sido a Milú professora da minha filha Lorena, o João tinha um carinho especial por ela e por vezes falávamos dos filhos.

O João é a UA, é o Pmate. Contribuiu definitivamente para colocar a UA no ensino da Matemática onde está hoje.

O João tem muito bom senso: está sempre do lado da solução e nunca do lado do problema.

Frequentemente era ele que deitava água na fervura.

Os problemas para o David servem apenas para equacionar.

Diziam que eu era o Sousa Pinto de saias mas o João dizia que o Sousa Pinto era a Helena Nazaré de calças.

Chego a Aveiro em fins de 1974 e ambos ajudámos a formar os nossos departamentos. Depois saio para doutoramento e quando regresso está o João a lutar pelo seu doutoramento, cá e lá (Coimbra).

O João ajudou a fundar a UA.

Maria Helena Nazaré



Conheci o João, já lá vão mais de 4 décadas.

Embarcamos juntos no navio fretado de Lourenço Marques (Maputo) para Lisboa, onde fomos cumprir o serviço militar obrigatório.

No Curso de Oficiais Milicianos (COM) o João imediatamente se destacou de todos os demais colegas, pela sua voluntariedade, integridade, dedicação, inteligência e companheirismo, pelo que, merecidamente, foi escolhido por todos os demais, como o Nº 1 do curso!

Tive a felicidade e orgulho de o apresentar a sua esposa Milu e sinto-me extremamente feliz por ver que daquele primeiro encontro resultou numa união de muito sucesso que perdura até hoje.

Após cumprirmos o serviço militar, os nossos laços se estreitaram e tenho a honra de ter o João e a Milu, como padrinhos da minha filha Sandra.

Gostaria de dar o meu testemunho da sua atuação como professor de matemática da Universidade de Moçambique.

As portas da sua residência estavam sempre abertas para qualquer seu aluno que tivesse necessidade de alguma explicação ou dúvida sobre a matéria.

Por diversas ocasiões estando na sua casa em visita, sempre que algum aluno chegava, pedia desculpas às visitas e ia atendê-lo imediatamente.

Isto há mais de quarenta anos, quando, salvo raríssimas exceções, o acesso de um aluno para um professor universitário era praticamente impossível!

Amigo João,

Embora fisicamente bastante distantes, por imposição de nossas vidas, gostaria de em nome de toda a minha família (portuguesa e brasileira) parabenizar pelo dia de hoje e dizer que não obstante este distanciamento vos temos sempre presentes em nossos corações.

Ficamos muito felizes pela justa e merecida homenagem e espero na próxima ida a Portugal dar um abraço pessoalmente ou aqui no Brasil se aceitarem o convite já feito anteriormente.

Miguel e Ana Maria Santo António

Padrinho João,

Apesar da distância e tempo que nos separa, tenho uma grande admiração por si, principalmente pelos relatos dos meus pais.

Acredito um dia ainda poder abraçar e rever os meus padrinhos.

Com carinho da sua afilhada,

Sandra Maria Santo António



Só tive o privilégio de ser aluna do Professor David Vieira no 5º ano da minha licenciatura (em ensino de Matemática). Mas, como diz o velho ditado, mais vale tarde do que nunca! O seu rigor científico, a sua dedicação e paixão dedicadas ao ensino, foram deveras marcantes para mim. De tal modo, que foi o responsável pela mudança dos meus planos para o futuro... Antes de conhecer o Professor David Vieira eu sempre pensei que seria professora de Matemática no Ensino Básico/Secundário, até que ele me “convenceu” a enveredar pela carreira académica. Ainda bem que o fez! Muito obrigada! Para finalizar, gostaria de realçar a minha enorme admiração pela sua eterna juventude. Qual o seu segredo?

Muitas felicidades!

Natália Martins



Ao David, no seu aniversário

Conhecemo-nos em 1990. 21 anos. Pouco tempo para muito! Verdadeiro culpado da minha vinda para Aveiro, foi também o principal responsável pela minha decisão de ser professora no ensino superior e de mudar de carreira; na verdade, na minha vida profissional foi responsável por quase tudo!

Excelente chefe e incomparável colega. Exigente mas compreensivo e muito tolerante; trabalhar consigo foi um enorme prazer, tê-lo como amigo ainda é.

Distinto pedagogo. Embora nunca tenha sido sua aluna muito do que sei hoje aprendi, e continuo a aprender, consigo.

Obrigada, David. Por tudo.

Paula Carvalho



Novembro de 1985

Departamento de Matemática,
Universidade de Aveiro.

Recém-formada apresento-me para uma entrevista com os Professores João David Vieira e José Joaquim Sousa Pinto. Aterrorizada por ir falar com dois professores universitários, lá me sento a medo.

“Ó cachopa, não te podemos admitir porque o concurso só estava aberto para licenciados em Matemática e tu és de Engenharia Geográfica. Mas, como não tivemos mais candidatos, vamos abrir novo concurso incluindo licenciados em Engenharia Geográfica”

Aquele sorriso franco e aberto conquistou-me imediatamente e ao fim de 25 anos ainda cá estou.

Um amigo, um pai, um professor é o que eu vejo no David. Foi ele o responsável pela minha formação pós-licenciatura. As suas palavras amigas sempre me incentivaram. Nunca teria conseguido fazer o doutoramento se não o tivesse ao meu lado: nas horas boas e nas más.

Levou-me para o Pmate e despertou em mim a paixão pelos modelos; ensinou-me muito do que sou hoje como professora e pessoa. (Só me falta andar com o lapinhos pequenino a corrigir todos os textos que apanho!)

Juntos escrevemos o primeiro manual escolar Viver@matemática (que nos ia matando a todos). A sua generosidade, o seu rigor científico e a sua preocupação pedagógica foram o motor que nos levou a bom porto.

Obrigada David por ter entrado na minha vida para ficar.

Paula Oliveira



Ao Professor David Vieira chamo, com muito carinho, “Professor”. Não tendo sido meu professor, vejo-o como um mestre, não só científica e pedagogicamente, mas também como exemplo de vida. A paixão e dedicação com que se entrega a tudo o que faz, os princípios de vida inabaláveis e incorruptíveis, a pureza dos seus ideias e o amor lindo e crescente que vive com a Milú, são uma inspiração. É ainda uma das pessoas mais doces, simpáticas e bondosas que tenho o privilégio de conhecer.

Dei duas disciplinas sob a sua regência, Seminário e Álgebra Linear e Geometria Analítica. Sob a sua batuta as aulas eram exigentes, os alunos esforçados e o ambiente de trabalho fantástico. As orais que fazíamos aos alunos eram longas. Ficávamos a saber tudo que um aluno sabia e o que também não sabia. Com o Professor David Vieira aprendi a gerir exigência e a justiça juntamente com a humanidade e a bondade.

Mas o que me dá mais gozo recordar são as longas conversas que tive com o Professor David Vieira, sobre o Departamento, o Ensino, a Matemática e a Vida. Encontrávamo-nos muitas vezes ao fim de semana no Departamento. Com a reforma, o Professor David Vieira deixou de trabalhar (somente) aos fins-de-semana. Tem agora outros afazeres mais importantes. Cuidar das netas (e da Milú). Felizmente, a paixão pelo trabalho faz com que continue a ir ao Departamento, e no meio das nossas muitas tarefas ainda vamos tendo tempo para as nossas conversas.

“Professor, os meus parabéns pelos seus 70 anos (muito charmosos)!”

Raquel Pinto



Trabalhar com o João David Vieira é fruir um privilégio que nos envolve numa sociedade em que os competentes são generosos.

Os sonhos da juventude são retomados no dia a dia com dedicação à Universidade, com carinho pela família, e cuidadoso e atento aos que o rodeiam, colegas, alunos e funcionários.

O imperativo de fazer bem, preocupação sempre presente na maneira de estar do João David Vieira, cria, por vezes, momentos ansiosos e de tensão que só são ultrapassados pela total disponibilidade para entender os outros.

Esta é a lição que o Professor, que o João David Vieira é, acima de tudo, espraia sobre todos nós.

A Universidade de Aveiro e muitos de nós cultivamos um sentimento de gratidão pelo murtosenho que hodiernamente é um ensinador do que é a Família e a Escola.

Renato Araújo



Como muitos de nós, vim parar ao DMat (então Secção Autónoma) por causa do David. No meu caso foi em 84, no seguimento de um telefonema seu para uma escola secundária de Aveiro – nessa época havia falta de assistentes e o departamento viu-se obrigado a recorrer a professores do ensino secundário.

Aqui, fui dando as cadeiras que era preciso e que me “mandavam” dar (havia democracia, muita, mas o que tem de ser tem muita força!) Felizmente houve sempre muita inter-ajuda e todos sentíamos que fazíamos parte do departamento e que tínhamos o direito e o dever de participar nas decisões.

Todos os anos pensava que eventualmente seria o último, que a Universidade estava a crescer e, felizmente para ela, iria prescindir dos serviços das pessoas como eu. Mas, em vez disso, fui “empurrada” (pelo David e o Sousa Pinto) a fazer um mestrado em Coimbra, no ramo de Álgebra, tendo a Virgínia como óptima companhia. E fizemos o mestrado, e foi difícil, mas foi bom.

Em 94 pôs-se o problema de regressar à escola ou mudar de carreira e mais uma vez o David e o Sousa Pinto me convenceram a fazer doutoramento (e mudar de carreira). E assim fiz - já que a família deixou, fiquei.

É portanto por culpa dele (deles) que fui ficando por cá, e não me arrependo!

O David é bom colega nos momentos piores e nos melhores.

Nos piores porque nos ouve e nos apoia, se for caso disso, ou nos diz porque não apoia – é leal e transparente.

Nos melhores porque genuinamente se alegra com as nossas alegrias e nos entusiasma com o seu entusiasmo.

Como professor nunca o tive, e tenho pena (até porque isso significa que sou velha) mas imagino como será – ouvi-o em conferências, seminários e palestras, tanto de matemática como de cidadania. E o difícil é acabar. (Conta-se até de alunos que terão adiantado o relógio para conseguirem fazê-lo calar mais cedo...)

O David tem uma qualidade rara, embora imprescindível para quem queira estar vivo: é crente, acredita nas pessoas, acredita que as coisas podem melhorar, com esforço.

Mas tem a par disso um defeito irritante: é crente, acredita nas pessoas, acredita que as coisas podem melhorar, com esforço.

Pois é ... tudo depende do referencial do observador!

Mas há um dado objectivo para qualquer observador:

- O David é um homem bom, genuinamente bom, intrinsecamente bom, por isso todos gostamos dele.

Obrigada, David!

Rosa Amélia



O Professor David Vieira é uma daquelas pessoas que passam pela nossa vida, e para sempre ficam. Não necessariamente próximas no dia a dia, mas próximas na nossa forma de pensar e sentir. Recordo o seu sorriso fácil, a sua voz forte, a sua disponibilidade e interesse, o seu entusiasmo pelas coisas da Matemática e pelo ensino da mesma. Mas também recordo o seu rigor e a exigência que colocava aos outros e a si próprio, algo que hoje está um pouco "fora de moda". Em conjunto com o meu amigo Batel, tive a oportunidade de lhe fazer a primeira entrevista para o "Jornal da Matemática", primeira e última diga-se de passagem!!, da qual ainda hoje recordo bem uma característica em particular: nunca fugiu às perguntas mais difíceis de dois "miúdos", e nunca nos tratou como tal. Finalizo com um Obrigado por tudo o que me deu para além da famosa Álgebra.

Até breve.

Rui Pinto



Um espírito livre e criativo. Um professor exigente, rigoroso, que aplicava metodologias de ensino inovadoras e era amigo dos seus alunos. Um dos pilares que fez erguer o Departamento de Matemática!

Rute Lemos

30.02.2011

Caro João

Foi para mim muito agradável ter recebido o convite para poder estar presente na tua festa de homenagem e, agora, trago-te também estas linhas. Foi a melhor forma que encontrei para te dizer algo que, espero, seja interessante.

O que te posso dizer sem ser exaustiva? Talvez começar por recordar uns dias passados há muitos anos. Lembro-me, então, dum homem jovem, inteligente e muito agradável no trato que fazia uma certa corte à minha amiga de infância, a Milú. Andava a Milú na faculdade de Belas Artes em Lisboa.

Aliás aquelas características persistiram na minha apreciação ao longo de todo o nosso percurso de amizade mas menos jovem nestes últimos anos, claro. O tempo não nos deixa passar despercebidos, não é?

Lembro-me do jovem professor universitário nas suas actividades docentes sobre as quais já recaíam boas apreciações dos seus superiores hierárquicos segundo ia sabendo pela minha amiga Céu.

No entanto, é sobretudo como marido e pai que tenho vindo a apreciar a tua dedicação e os teus cuidados à minha amiga Milú e aos vossos filhos e netos.

Ad latere eu fui sendo beneficiada pelos excelentes períodos em que pudemos trocar opiniões políticas e outras, jogar “O King”, comer uns petiscos, dar umas gargalhadas, isto é, cimentámos a nossa amizade.

Resta, num esboço mais pessoal, fazer votos para uma longa vida, cheia de alegria, de netos, bisnetos ...

Beijinhos da amiga de sempre,

Selene Veiga



Existo onde te conheço
Pedacos de nós e de tantos outros
Com os quais traço o meu abrigo.

Aprendi que são os gestos
e também as palavras que nos diferenciam...
que a integridade nos torna pessoas.

Aprendi que na vida tudo se pode dividir
e que dividir poderá significar multiplicar.
E assim somo os afectos,
divido as palavras,
multiplico os saberes,
subtraio o que não interessa.

Vestindo tantas vezes as tuas cores,
Aprendi a ser eu mesma.
Sou o mar
E a corrente que o move.
Sou a rocha
e mesmo que o vento a desgaste,
Sou também a areia que ampara o bater das ondas.

Aprendi que adormecer tranquila,
significa viver de cabeça erguida.
Aprendi que se morre em combates que não acreditamos
e que nascemos sempre nas causas por que lutamos.

Aprendi que ser mãe,
é ser amor.
É ser refúgio,
mas também é preparar os filhos para a partida.
E tudo isto... aprendi contigo.

És tantas vezes a flor
E eu o insecto que bebo do teu pólen
És tantas vezes o alicerce
E eu as pedras que se tentam equilibrar
E apesar de seres quem és,
Foste a equação mais difícil de se tornar poema...

Deixo-te aquele abraço... a ti, meu pai!

Tai | 19 de abril de 2011

FELIZ ANIVERSÁRIO JOÃO

(poema livre em rima menor)



Setenta anos!
Um Marco!
Um Padrão!
Tantos caminhos!
Quanta estrada!

Vi-te carregar na sacola
Números, Teoremas,
Marx e a Bíblia
Alguns Poemas
E sonhos à mistura

Num caminhar ritmado
De passo largo
E olhar distante
No peito,
Honestidade e brio
Companheirismo
Tolerância
E a alma de um gigante

Pr'á Milú, o coração.
Eterno apaixonado!

Pai carinhoso,
Avô babado,
Amigo sempre
E sem ocasião.

Que bom estarmos, amigo,
Nesta tua homenagem,
singela, mas memorável:

É que ao estarmos, contigo
Estamos em amiga viagem
E no calor da amizade
A vida é “mais habitável”

Aqui cabem os parabéns pelo teu 70º aniversário e os desejos de Felicidades para a tua vida, João.

Do amigo José Carlos
Um abração

“...” Adaptação de parte de um verso de Octávio Paz

06/03/2011

A bondade é um dos traços da personalidade do João, que eu mais admiro, por isso, é para mim, um privilégio, ser sua amiga.

Parabéns João e muitas Felicidades
Vanda



Bé, Tino, Carmina e Júlia

e a n i m a D o
 e n t u s i A s t a
 a c t i V o
 e m p e n h a D o
 m a t e m á t V i v a ç o
 c o m u n f E s s o r
 a r t i s t R i d e n t e
 a s t P ú p i l a s
 t R a q u i n a s
 F o r g u l h a m - s e
 t E m p o s
 d i f í c e i S a f i o s
 p r o p o s t O s
 c l a R i f i c a d o s
 p e l a r a Z ã o
 d o h O m e n a g e a d o

Bé, Cármina, Júlia e Tinó

